

RECADO DE PARIS

1232

RUBEM BRAGA

PARIS, fevereiro — Entro com o jornalista luso-brasileiro Novais Teixeira em um lar de Saint Germain. O Novais viveu muito tempo na Espanha, de onde escapou por ocasião da vitória de Franco, pois trabalhava no Ministerio de Informaçoes da Republica. E' amigo de uma infinidade de exilados espanhóis. No bar está um espanhol, e Novais o sauda com alegria. Grandes abraços. Sentamos à mesa do homem. Novais pergunta há quanto tempo ele está na França. Há poucos meses. Onde esteve antes? No Mexico, na Argentina? Não, na Espanha.

— Mas você não está exilado?

— Não, homem. Eu sou adido cultural da embaixada da Espanha na França.

Pausa. Mal estar. Afinal uma pergunta incoitada:

— Mas, homem, você não era socialista?

— Fui.

E depois do meio minuto de embaraço o espanhol desvenda um segredo da juventude de Novais Teixeira:

— E você não era monarquista português?

*

O espanhol começa me dizendo que foi convidado para fazer um conferencia no Instituto Rio Branco, mas como era verão no Rio não aceitou. Depois começa a justificar o general Franco — e principalmente a si mesmo. Genero de justificação:

— “A Espanha, no fundo, é reacionaria. E agora temos lá, garantido, um clima politico-social importante. Quero dizer com isto: o clima essencial para qualquer obra de criação. Este clima é o seguinte: o “miércoles” igual ao “martes”. Quando é “miércoles” é igual ao “martes” e o “junes” é igual ao “miércoles”, então, sim, o Homem (ele pronuncia evidentemente com H maiúsculo) pode criar. Isto é o importante”.

Confesso-lhe que gosto de um pouco mais de movimento em minhas semanas, e tenho vontade de perguntar afinal de contas o que é que ele está criando.

*

Ao lado do espanhol uma pintora espanhola, que me apresentou: Maruja Mallo. Conheço esse nome, não me lembro de onde. De repente há uma faísca em meu cerebro:

— Maruja Mallo... Você não morou no Copacabana Palace?

Morou. E' ela mesmo. A que foi apresentada a Di Cavalcanti pelo telefone, e os dois marcaram um encontro na praia. Mas como Di poderia reconhecê-la no meio da multidão de banhistas do Posto 2? Ela explica que é muito facil: o seu maiô.

— Es blanco por delante y colorado por detrás!

E Di me contou que, andando pela praia, sob o sol causticante, não conseguia deixar de repetir aquela frase, que o perseguiu durante semanas — essas coisas que a gente passa o dia repetindo, com uma raiva impotente: “blanco por delante e colorado por detrás.”

17.2.50